

A PROCISSÃO DE JESUS

abe se perfeitamente que, outr'ora, nos bons tempos de crença e de fé, as procissões eram um estímulo religioso, uma exhibição cheia encantos misticos, de suggestões amoveis de amor divino, propaganda seductora a favor d'uma religião que se alimentava do sobrenatural, da poesia dos seus dogmas e

lendas, depois de ter deixado a razão crudelissima das fogueiras e dos pórtos.

Comprehando que no perpassar das imagens, entre hymnos festivos, á luz do bom sol peninsular, a alma da multidão confundisse a alegria da terra, o descanço do dia santo, e a bondade divina das figuras dos santos, e amalgamasse no intimo, as desventuras passageiras da terra com as bema venturanças eternas do céu.

Comprehando ainda que a riqueza do culto externo, a imponencia dos hymnos sagrados entoados em linguagem mysteriosa, a incorporação dos grandes da terra nos cortejos divinos, impressionasse o espirito rude do povo e o accorren tasse, eterna crença, atraz d'uma miragem naturalmente affagada — a felicidade suprema em troca d'um amor e d'um respeito que do berço lhe haviam ensinado a sentir.

Nos tempos da crença, — hoje não.



Uma procissão é hoje um espectáculo como qualquer outro, onde o povo vae por se divertir, sem sombra de respeito sem uma idéa de prece, de oração, de adoração intima.

Nada o leva allí a não ser a curiosidade, e d'ahi o despeito do porte, o picante do commentario. Tudo o que o olhar do crente veria com respeito, antepõe-se-lhe como motivo de satvra.

A procissão de Jesus, morta ha quatorze annos podia muito bem não resuscitar a semana passada.

O que ganhou com ella, a religião, a igreja? Coisa alguma.

Naturalmente perdeu. O logar dos santos é nos altares: a rua é para a vida, para o trabalho, para a lucta dos homens. Orar na rua será o mesmo que mercedejar no templo.

Deixem em paz os mortos: na contradança da vida, quando se confundem os logares, a voz do bom senso grita como um Justino qualquer: — *chacun á sa place*! É o que ha a fazer



Can-sens



A chegada de Sua Eminencia, o Cardeal Patriarcha, a esta sua sempre fiel cidade de Lisboa, produziu em nossos espiritos um grande bem.

Houve em nossos corações repiques de festa, alleluias d'envolta com hosanas, muita alegria, e, como dizia sempre que pregava em panegirico de qualquer santa, aquelle louro missionario irlandez, de Caparica, muita graça e muita consolação.

Sua Eminencia quetinha sahido d'entre nós com os braços inteiros, conseguiu, mercê de Deus e dos

medicos hespanhoes, entrar no nosso seo com os respectivos membros apprehensôres, capazes de desempenhar as funcções que o nome, ha tempo tão felizmente espalhado por um jornal, sufficientemente indica. Sua Eminencia não chegou desado, como era de esperar pelas horrificas noticias espalhadas pelos periodicos; não, o nosso prelado ostenta-se em S. Vicente, escorreito como os seus antecessores, tendo a mais do que elles uma apotheose. Um patriarcha com uma apotheose, entre nós, é caso bastante significativo.

A viagem e a chegada de Sua Eminencia, inda que ninguém lhe recusou, que eu saiba, coisa alguma ao entrar na Sé, dava um Hyssope, se houvesse alli algum Diniz capaz de o fabricar.

Senão veja-se: Noticiam os jornaes que Sua Eminencia chega a Roma, que tem ás suas ordens o cardeal de tal e que o Leão XII fôra o mais amavel que um papa pode ser com um cardeal, porque lhe dissera, batendo lhe uma palmadina no hombro: caro José, — como vai a catholica, o nosso amigo Barros Gomes e a orthographia?

Esta fraze de sua Santidade demonstrava realmente muita bemquerença e muita fraternidade.

De subito, porem, sabe-se que não estava tal em Roma D.

José, mas sim em terras de Hespanha, entre boleiros e fandangos e mettido no fandango de entregar á cirurgia andaluza um braço partido, em dois sitios.

Como demonio D. José, mutilado em terras de Cid, apparece escorreito em Roma, antes de lá chegar?

De Santo Antonio conhecemos proezas parecidas; de sua

Eminencia não rezava até hoje a fama, o dom da ubiquidade sobrenatural, só concedida aos cleitos. E' bom registrar o facto, que emfim pode ser prezico, mais tarde se uma canonisação... — não sejamos indiscretos.

Melhora, no entanto, Sua Eminencia e os arautos dizem que regressa aos penates. Porque? Porque não segue D. José para Roma como tencionava?

Acaso a virola ossea que aperta os topos d'uma fractura consolidada podia prohibir a Sua Eminencia o apertar em seus braços o representante de Christo? Que horribeis mysterios se passariam na carreira de Sua Eminencia, que fundas luctas, que tectricós pensares, para o resolver a voltar as costas á cidade eterna e a frente para a cidade de Ulysses!

Mysterios são estes que só outro grande patriarcha poderá resolver, porque assim como para traduzir um grande poeta se requer um outro grande poeta, para traduzir, em vulgar, uma Eminencia só outra Eminencia maior.



Ora, dizem as más linguas que o nosso prelado ia a Roma entregar chapéu e borlas, nas mãos do Papa, por ordem do nuncio. No caminho arrependeu-se, ou o fizeram arrepender, e d'ahi, para não chegar a Roma, teve de quebrar um braço em dois sitios! Que barbaridade!

Dizem outros que não quebrou coisa nenhuma, outros ainda — oh! os malevolos — que não foi elle que quebrou o braço ao sahir da carruagem, mas que lh'o quebraram.

Vão lá saber a verdade. O que é facto é que a quebradella do braço justificava a recepção triumphal e punha de cara á banda o nuncio. A recepção fez-se, e para justificar boatos e affirmações, o nuncio não poz lá os pés.

Podem commentar.



Digam-nos agora se uma manifestação de tal ordem feita a um cardeal que anda ás ordens d'um nuncio, a achar-se em Roma sem lá estar, a quebrar braços, naturalmente com tanta verdade como a de estar em Roma, não precisava d'um cantor? As viagens de Filippe 2.º de Hespanha, cantadas pelo filho, valeram-lhe, a este, uma morte infame.

Bellos tempos aquelles! Hoje não ha perigo. Se ha ah alguém que se sinta com força de ironia para cantar as viagens de D. José, que o faça. O assumpto é delicioso e o heroe está para o portuguez, como aquelle outro padre no jardim dos Capuchos, para o francez dos lettreiros.

Que petisco!



O principe da Egreja chega e tem as honras devidas ao seu alto estado. Cavallaria, coche, descargas.

É esperado por um batalhão formidavel: todo o clero, desde o negro e modesto presbytero dos arredores, ao roxo beneficiado, ao orgulhoso conego de cauda ampla e luzidia fauceira.

Porque tanto afan e tanto empenho?

Não consta que lá fóra Sua Eminencia tenha prégado aos herejes e aos gentios e convertido á fé os infieis de Hespanha!

Não se sabe que espalhasse pela gloriosa viagem como um Rhodano da Eloquencia, um S. Thomaz, a palavra de Deus!



Não consta que audaz e gigante como Veuillot, a sua penna de ferro e diamante tenha escarpelizado, n'uma força epica d'uma convicção herculesa, as theorias herecticas da sciencia, o mundo moderno, os homens e as coisas!

Ninguem viu que, outro Bartholomeu, andasse pelas serras fragosas, levando diante de si, no albardão, os pastoresitos tritantes de frio, nos correjos gelados, simples pastor d'ovelhas levando á choça humilde, o amor, a consolação, a paz do Senhor!

Oh! ninguem!

Entre nós, o glorificado prelado ter-se distinguido pela impotencia absoluta de se fazer ouvir, na curia romana, nas mais graves questões religiosas internacionaes, por pretender excluir Herculano do claustro dos Jeronymos, e pela medida assombrosa no alcance moral, de prohibir ás mulheres o cantarem nas Egrejas.

Por qual d'estes grandes factos se impressionou, d'esta vez, o clero de Lisboa, para realizar tão grandiosa recepção?

Que idéa, que força, emocionou tão profundamente o espirito do clero, que o accorreu sollicito do viva profano da gare, ao *Te-Deum* mystico da Sé?



Os jornaes deram a noticia da reunião, em S. Vicente, dada por Sua Eminencia o Cardeal de Lisboa.

A exemplo d'aquella *soirée* com que o sr. Beirão brindou os congressistas hespanhoes, só havia homens nos salões dos paços patriarchaes.

Assim houve a exclusão do bello sexo; e d'ahi veio que os *reporters* não contaram quem tinha rompido o baile, na contradança d'honra, concluindo-se muito naturalmente que a não houve.

No entanto ali comprehende-se o saráu exclusivamente masculino. A' maioria dos convidados não se poderia perguntar, (sem málicia):—que é da outra metade?—porque em lei a não podem ter.

O que se sabe é que os convidados se retiraram penhoradissimos com a amabilidade do dono da casa.

Não podia deixar de ser:





JULIA MACAPY

*On s'enlace,
Puis un jour
On s'en lasse...
C'est l'amour.*



O olhar.—O primeiro *billet doux* dos namorados. Um olho arregalado constitue, por si só, uma declaração d'amor.



JULIA

O annuncio amoroso.—«Ve-la e ama-la foi obra d'um momento. Diga, menina, se de mim gosta, que eu fico, anclonso, á espera da resposta. X. Y. Z.»



JULIA MACAPY

A primeira carta.—Vestido em grande gala, de charuto e boquiha, mostra-lhe, a furto, a sua missiva :
*«... dá uma esperansa áquelle que é e será sempre o teu
amannense dos telephones
Ventura da Natividade*



JULIA MACAPY

O gargarejo.—Tu estás lá ?
—Eu estou...
—Tu tambem estás?...
Oh!...



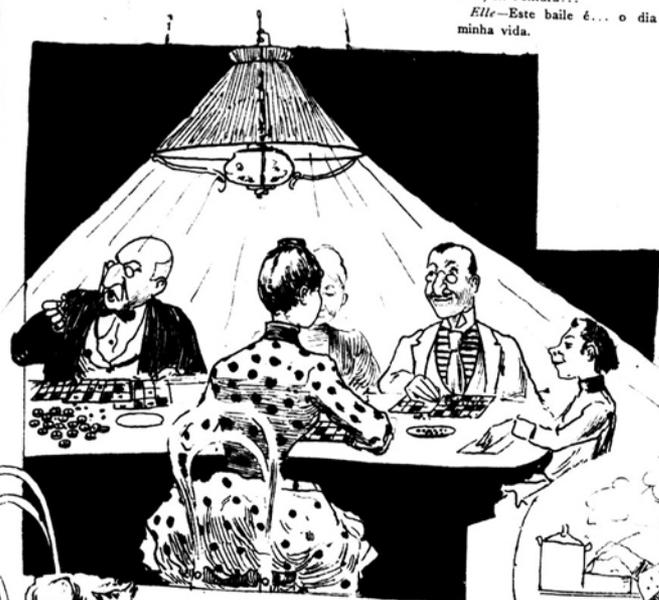
O bouquet. — Foi comprado na praça da Figueira. Saudades não me esqueças, alecrim, amores-perfeitos...
Um bouquet que vale um poema e custou oito vintens. Muito barato e muito eloquente.



O primeiro encontro.—Ella—Que ventura, sr. Ventura...
Elle—Este baile é... o dia mais feliz da minha vida.



O primeiro beijo.—Um beijo na face pede-se e dá-se...

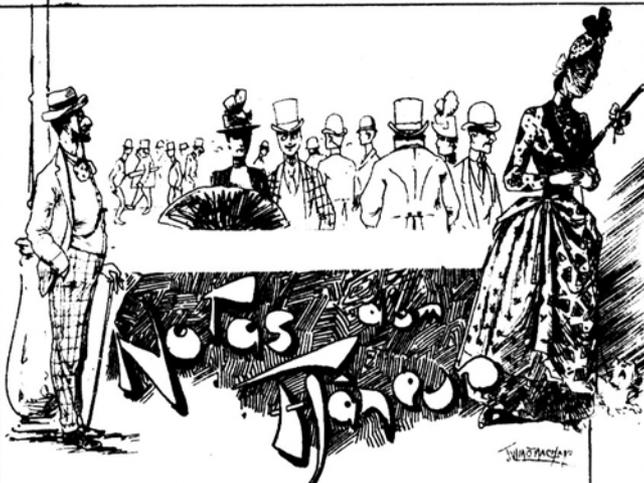


Ao loto.—Ella—Infeliz ao jogo, feliz nos amores...
Ella—Já tenho um terno... mas não me pises o pé porque estou de bota branca.



A vespere.—O enxoval da menina, o banho para a menina, os conselhos á menina... E o conselheiro Accacio aproximando-se da noiva dis-lhe docemente:
Hoje mademoiselle... amanhã madame!

CONCLUE NA ÚLTIMA PAGINA



A PARIS! A PARIS!

artazes amarellas, desdobrados pelas esquinas, annunciam viagens a Paris por cinco libras—ida e volta. Uma tentação, meus senhores, uma verdadeira tentação.

Porque — o que quer dizer a massada de uma segunda classe no meio de tantas massadas que soffremos na vida?..

E não somos, quasi todos nós, passageiros de segunda e terceira classe na travessia que fazemos por este valle de lagrimas, emquanto um pequeno

numero se regala nos confortos deliciosos da primeira?

É por isso que eu os aconselho a que tomem as suas malas e mandem bater as suas típoias pela rua dos Bacalhoeiros, que é o caminho a seguir para Paris... Deixem d'esta Lisboa tudo que ella tem de mais bello, desde a luz electrica da Avenida até á choreographia do Justino e vão gozar da grande cidade, tudo que ella possui de mais grandioso e de mais extravagante, desde a torre Eiffel, até ao can-can da Goulue.



Digam adeus ás auras do Tejo e ás meninas da baixa, aos capilés do Rocio e ás horizontaes do Colyseu, empacotai as vossas libras e os vossos appetites, envergai o vosso guarda pé e afinal o vosso francez, que a locomotiva assobia além no Caes dos Soldados, para vos transportar d'este cantinho pacato aos braços d'alguã cocotte... a preços reduzidos.



Abandonai o vosso compatriota que encontrades nos boulevards, pavoneando se, feliz, de fita de Christo na lapella, a fingir a Legião de Honra, mirando se, envaidecido, nos seus sapatos de verniz, fallando das heroínas de mil francos que não gosou, nas princezas que nunca viu, nas ceias do Bignon que não comeu, achandor êles trepar á imperiai d'um omnibus, á varanda do arco do Triumpho, ás torres da Notre-Dame, que não vae ao Bois senão de remise, que na opera só pôde tomar um fauteuil de primeira fila e no circo só se apresenta de casaca para equalar os gommosos da terra, que não subiu nunca as escadarias dos museus e prefere ás Venus do Millo qualquer Venus das Montanhas russas, que vive, emfim, convencido de que Paris olha para elle, se occupa d'elle, o copia, o imita, o requesta; e ide, pacata e burguezmente, sem pretensões e sem ridiculos, fugido de poseur impertinente, vêr da grande capital da republica tudo que ella vos proporcionar ao alcance da vossa bolsa.

Porque nada ha de mais pacovio do que o compatriota que, acostumado a fazer ruido no Chiado com umas luvas amarellas que vestiu e um monoculo petulante que assestou,



vae para Paris, disposto a fazer sensação na alameda das acacias, nas mesas do Tortoni, no balcão dos theatros... E' fugir d'elle, humilde passageiro de segunda classe, que não tendes a tonta aspiração de que Paris repare no feitiço do vosso casaco e na côr do vosso chapéu e que vos sentis muito contente por ella não querer saber se jantais no bouillon Duval ou dormis n'um quarto andar de qualquer hotel desconhecido, que não quer saber o vosso nome, os vossos titulos, se vos corre nas veias o sangue azul dos aristocratas ou o sangue vermelho dos desherdados...

Deixai em paz nababos e rastaquouères, que vos fallam dos seus milhões, das costelletas quo rôem nos restaurants afamados e das mulheres que os disfructam nas bocetas dos seus ninhos; deixai-os em paz e ide vêr a paisagem grandiosa d'uma cidade unica, que tem qualquer coisa de superior á vossa rua do Ouro que tanto amais.

Passageiro de segunda classe, vós sois um remediado, tendes o vosso *pot-au-feu* bem cuidado e o vosso fato bem limpinho; não andais em carros de gala e possuis um simples passe nos americanos; ides para as torrinhas em S. Carlos e não frequentais os bailes da córte; é, pois, a vossa attenção que chamam aquelles cartazes amarelllos; agarrai na vossa mala e saltai de Lisboa a Paris, que a alegria do vosso espirito compensará largamente... a massada do vosso corpo.

C. DE MOURA CABRAL.



Mysterio.

Dirigiam-se ao Paço na quarta feira passada a sr. José Luciano e o sr. Barjona de Freitas. Ignora-se o mysterioso desigmo dos dois. Sabe-se porém que o eixo da carruagem que conduzia o nobre presidente do conselho se partiu, não se podendo precisar se com o pezo de sua excellencia, se com o pezo da gloria, se com o pezo das responsabilidades.

Sua excellencia passou para a carruagem do sr. Brajona (e aqui podem ver os apourentos a indicação d'uma solução politica no futuro) mas o que é curioso é que o eixo do carro do sr. Barjona não quebrou com o pezo dos dois.

Ha a notar a quantidade de eixos quebrados com ministros progressistas n'estes ultimos tempos. E' o acaso a protestar, que andam fóra dos eixos; como elles teimam em mostrar em publico, o contrario, os eixos reagem quebrando-se.

•A força da verdade.



Trindade.—Continua em exploração, por conta dos actores, este elegante theatro, durante a presente estação. Espectaculos attraentes e variados. Brevemente lá teremos a peça de grande espectáculo — *O Gato Preto* — de Augusto Garraio, que promete ser o acontecimento da época.

Rua dos Ondes. — Depois de breve intervallo, voltou o hilarante *Tim Tim* a fazer as delicias dos espectadores, n'este popular theatrinho, onde o precioso trabalho da gentil Pepa é um irresistivel atractivo.

Na proxima segunda feira, 8 do corrente, teremos a festa do camaroteiro d'este theatro, o engraçado *Arroyo da Revista*. Deve ser uma noite de enchente.



A nova companhia de zarzuela comica chama todas as noites uma selecta concorrencia a esta aprazivel casa de espectaculos.

Maria Montes, a bella e graciosa *flamenca*, tem feito dar volta ao miolo a muitos dos *habitues* do Coliseu, tal é a fascinação do seu ardente olhar, da sua graça provocante, do seu talento formosissimo.

Secundada por alguns bons artistas, como Navarrête, Valero, Ripoll, etc., faz com que o Coliseu seja hoje o ponto de reunião de toda a sociedade elegante.



N'esta administração compram-se todos os exemplares, em bom estado, dos n.º 1 e 2 da COMEDIA PORTUGUEZA, pelo preço de 200 réis cada um.



O AMOR

CONCLUSÃO



O dia do nó.—O papá põe a commenda, a mamã paramentou-se a capricho. Os noivos estão risinhos.
—Depois has de contar-me!...—segreda ao ouvido da noiva uma amiga do collegio.



A noite de nupcias.—Enfim, senão...
Passemos a diante.



Novo mezes depois:
Oh, papão vac-te embora
De cima d'esse telhado...



O bocejo.—Diante um do outro sentem-se saciados de amor.
Elle está farto de comer sempre do mesmo menu... E ella!



O periodo da massada.—O nénet chora. A mulher necessita de vestidos e de botas. As criadas são uma praga... E nos telephones pagam tão mal!!!...



A nostalgia do celibato
Para variar resolve dar o seu *premier coup de canif* no contracto de casamento... E n'um gabinete reservado do Silva vas saberar um pouco de Ve-

nus é hespanhola e de coelhe á caçadora.
E são todos assim!...

O ENCERRAMENTO DAS CÔRTEZ



—Então, Madama Angot, mandaram-te afinal desarmar a tenda e fechar a bocca?

—Não será por muito tempo.

Vejam vocês se me limpam bem essa immundicie em que aquelles senhores me deixaram a casa.

Canções



E uma companheira antiga que eu tive, que vivia a meu lado continuamente, cuja expansibilidade perenne enchia a minh'alma de uma felicidade comunicativa, travou-me do braço, como n'esses bons tempos, e disse-me: traz a tua carteira e vamos.

Olhei-a pasmado. Ha tanto a não via, a minha irmã gemea da mocidade! Nem uma ruga na face, nem um cabelo branco! Fresca sempre e bella como quando vinha de manhã sentar-se á minha cabeceira, alegre e luminosa como se nascesse da aurora, ao calor dos primeiros raios do sol.

E puz-me a abraçá-la longamente, a beijá-la muito, na boquita escarlate, cheia de risos coados pelos dentes de perolas, como um esfaimado que encontra um prato de caldo, ou um cego que revê ao fim de mezes de escuridão um rosto amado.

— Oh minha amiga, minha boa amiga, que boa idéa tiveste em n'e procurar. E puz o meu chapéu de côco e sahimos pela cidade. Fazla um calor insuportavel.

— Ainda gostas de carapinhadas? disse-lhe eu.

E fomos para o Martinho. Tem tanta graça a tomar uma carapinhada. V. Ex.* não imagina os engraçados rofêgos com que contrahes os labios para evitar que o liquido gelado lhe toque os dentitos brancos.

E começamos a conversar e vieram os jornaes.

De subito reparou na estação de pedra molle.

— Que cathedral é esta?

— Não é uma cathedral, é uma futura estação do caminho de ferro.

— Foi então para esta obra que mandaram vir canteiros de Paris?

— Decerto. Tu bem sabes que os não temos que prestem

nem nunca tivemos.

Os Jeronymos, a Batalha, a Torre de Belem, Alcobaca, tudo o que temos para ahi de algum valor artistico, fizeram-n'o os estrangeiros, os francezes, os russos, os abyssinios. Nós? nós fizemos a palmatoria de S. Roque e o cemiterio aereo que encima o bello palacio estropiado dos Castello Melhor. Já reparaste? que

linda coisa: tem cyprestes, urnas funerarias, anjinhos com taças de ambrozia, cabeças de carneiro... a mythologia e a allegoria andam por alli á solta n'um de-boche épico!

Ella ria e continuava a sorver gulosamente as colheritas do refrigerante, entermeiadas com a leitura dos periodicos.

— Estão prohibidas as touradas em Paris?

— Como assim?

— Está em letra redonda. Um toureiro matou um touro contra a ordem.

— E Paris revoltou-se?

— Podéra.

— Oh! o coração francez! Meu avó, um pobre velho inofensivo e dcnte, correram-no elles deante dos cavallos durante um quarto d'hora, até o esartejarem com as espadas, na ultima invasão.

Sangue! ó, a França odeia o sangue! Bem feito.

— Em compensação, tornou ella depois da minha rajada de indignação, ouve. E leu: No caes de Passy construe-se uma quinta praça erigida por Menendez Vigo e alli se darão corridas reaes».

— Como assim? pois a Republica atrever-se-ha...

— E' o que diz o «Noticias!» E olhámos um para o outro desconfiados... a rir. Não, lá isso, francamente, collega, é preciso explicar.



E entrámos pelo High-Life, onde se nos deparou que João de Deus ia para a Trafaria. E um jornal lhe chamava: mimoso poeta; e um segundo: mavioso; e um terceiro: delicioso, e um quarto: grande.

E' preciso notar que qualquer poeta d'hoje não está livre de apanhar o titulo de: eminente, ou de: primeiro poeta, se fôr apanhado com intenções de tomar banhos em Pedrouços ou na Margueira. João de Deus, o primeiro poeta portuguez contemporaneo, sem contestação plausivel, obtem da imprensa os titulos assucarados de— mavioso, delicioso e mimoso, — com que se dá graza á cabelleira volante de todo o poetastro que tenha arrombado quatro sonetos e estripado seis alexandrinos sonoros e ôccos!

Não digam nada, meus senhores, deixem-se de adjectivos tólos e se querem noticiar que o poeta vai para a Trafaria digam-lhe apenas o nome.

Tributar ao grande poeta o favor de lhe chamar—mimo-so—é nivelal-o tão ridiculamente, que até a gente se lembra involuntariamente d'um chapéu alto.

Ora, meus amigos, outro officio.



A carapinhada ia no fim.

— Com que então grande furôr para o theatro, pelo que vejo?

— Não imaginas, minha amiga. De ha um mez para cá nem menos de quatro dramas historicos, seis sem historia nenhuma, afóra, comédias, monologos, traducções varias.

— Quaes os dramas historicos?

— D. Pedro, o infante de Portugal—do nosso amigo Souza Monteiro.

— D. Pedro, o Crú—do nosso amigo Lopes de Mendonça.

— Mas esse crú e esse infante não são a mesma coisa?

— Já se vê que sim. E tanto que um outro nosso amigo que trata n'outro drama em cinco actos e em verso, o mesmo assumpto — é o assumpto da moda, o verde da época — resolveu a difficuldade em que estava de intitular o drama, escolhendo dos dois titulos, a formar um titulo de sensação, e cognominará o seu drama:—O infante de Portugal, crú—!

— Mas ha mais?

— Ha o drama—A collo de Garça— como vês ainda o mesmo assumpto— do tambem nosso amigo Manoel Soutto Braga, um principiante, quê dizem ter muito merito.

E finalmente, o drama em 5 actos, em verso, de Antonio Francisco Barata—D. Isabel de Souza, ou a origem dos Palmellas—!

— O que? o auctor será capaz de mostrar no palco, o sub-titulo! Deve ser curioso esse acto. Deve ter graça.

— Vamos então ter uma época de D. Maria II com D. Pedro I em scena?

Pobre rei! que tractos lhe vão dar, e á paciencia dos spectadores.

Depois ha coizas que se prestam a ser servidas de varios modos diferentes, agradaveis. O bacalhau por exemplo: em pasteis, de cebolada, estufado, albardado, cosido, assado, frito, em almondegas, em croquettes, em empadas, guisado á portugueza, á hespanhola, á italiana, et cœtera.

Mas D. Pedro I, um mez, dois mezes, seis mezes, um anno, crú, crú, sempre crú! ora adeus. Ha indigestão com toda a certeza.



—E a empreza que fará com tanta carne crúa.

A empreza? o que lhe hade acontecer é vêr-se em grandes assados.

E terminava-se a carapinhada.

— Ainda fumas?

— Sempre, e agora então!

— Agora então...?

— Que entrou na moda o fumar!

— É do ultimo tom, meu amigo. Ignoras, já vejo, a vida elegante, e pegando novamente n'um jornal enquanto aspirava as primeiras fumaradas do breva, apontou-me a local e eu li:

«Entre nós tambem já muitas senhoras da primeira sociedade fumam, a começar pelas mais altamente collocadas.

«Já uma vez, na antiga loja do Magalhães do Chiado, tive-mos occasião de fumar deliciosos charutos que alguem nos offereceu e que vinham como amostra para a mais gentil e elegante senhora da côrte.

«É sabido tambem que se entregam a este delicioso prazer — principalmente s. ex.» que fumam do melhor tabaco—uma nobre titular cuja vasta intelligencia e gosto artistico são justamente admirados; uma sua intima amiga; uma outra gentil fidalga de cujo divorcio se fallou ha algum tempo e que parece realizar-se; ainda outra, menos nova, cujas sairées são sempre deslumbrantes, e tantas outras, bom Deus!»



Ignorava esse requinte do chic. Detesto o uso, a despeito de toda a graça que possa ter um anel de fumo evoluendo-se, modelado por uma bocca appetitosa, a curvetejar na atmosfera perfumada d'um «budoir» elegante, feminino.

Ha alguma coisa de selvagem e de ordinario no fumar. Por detraz da boquiha preciosa do gentleman que aspira um aromatico charuto de alto preço, apparece, mau grado nosso, com um ar gaiato de troça, o bregeiro pintado do trintanario, que espera os patrões nos atrios, cheio de aborrecimento e de somno.

É como a um naturalista fanatico, para quem o rosto formosissimo d'uma mulher, toda a graça d'um corpo escultural, não alcança esconder a baixa origem e mostra apenas a transformação da especie em virtude do meio. Elle vê por detraz da mulher mais bella, a face comica e pelluda do Chimpanzé avô!

Depois, é um vicio que mancha os dentes, corrompe o halito irrita os nervos. . e os dentes, o halito e os nervos d'uma mulher, são com certeza dos mais apreciaveis attributos da sua belleza e do seu caracter.

Ouvir uma senhora declamar um dia:

Meu amigo e senhor, pensa qué é barro

Este bello cigarro por que eu berro?

Elle me arranca penugento escarro...

Schoking!



Na véspera da partida: — O sr. Simplicio sonha com as cocottes mais afamadas do Jardim Montmartre, com as rapariguinhas do Boulevard Duval, com as cananettes de Boulogne, com as grisettes do Bon Marché, que lhe dançam em volta o can-can mais vertiginoso.



Em viagem: — No compartimento há oito lugares tomados e o sr. Simplicio é tão rico de tecido adiposo!

Água e leite! água e leite! — Apreçoam nas *cares* de Espanha; e o sr. Simplicio, convencendo-se de que é moda hespanhota ligar os dois líquidos, resolve tomar o estranho refrigerante.



A partida: — E parte, radiante, feliz, com um dicionário, uma mala, um guarda-pó, um revólver, uma chapelleira e uma almofadinha.



Imediatamente: — O sr. Simplicio sempre imediatamente que *il a quelque chose* bota na testa como o poeta, procura na algebeira um jornal!

Cavallitos e senoras — Indica-lhe uma frequentissima heranca, para onde elle corre de madrugada, ao mesmo tempo que se ouve o grito: *Saberes volver al Iran.*



Em frente dos Triciteus — O sr. Simplicio resolve seguir pelo curso combato do a altura. *Foi um error muito, tem gente...* E toma nota.

O comboto parte — E o sr. Simplicio ficou, apesar de elle começar a correr a traz do comboto, com o jornal intacto, não podendo dizer o mesmo do guarda-pó...



Entre cocottes — Duas heroínas do livro *levará acercam-se do sr. Simplicio.*
— *Vem cá, Sr. Simplicio...*
— *Tu me passaras um petit diner...*
O sr. Simplicio, embaraçado na escolha
— *Decidindo-se pelas duas.*
— *Le ylando est facile...*



Em Paris — Não podendo instalar-se no *Hotel de Ville* resolve aceitar o primeiro que lhe indicam. Tres francos o quarto e, á noite, quando repousa da sua longa viagem, sente bater á porta alguém que lhe diz: *Si vous avez besoin d'une jolie demoiselle!*...

J. M. M. M. M.

M. C.

(Conclue no proximo numero).

Eu sei que a musa franceza construiu estes versos :

Qu'il est doux, qu'il est doux de savourer dans l'ambre
Le tabac du Levant,
Mollement étendu, dans sa robe de chambre,
Sur un moellenz divan!

Mas é a musa alegre, a musa do boulevard.

É uma excepção. Nas «Memorias da Marquiza de Caylus» encontra-se este periodo :

—«Quando ella (a Duqueza de Borgonha) não fumava de cachimbo, tomava clystères, deante do bom papá (Luiz XIV) Elle preferia vê-la tomar clystères»—.

Que me perdõe o rei-sol. Na colisão... antes cachimbo.

Mas se o *hig-life* um dia se lembrar de adoptar como essencia de bom gosto a segunda parte do dilema da duqueza de Borgonha, que remedio temos nós senão applaudir

A elegancia e a graça pôde coadunar-se com todos os actos.

Concordámos plenamente n'este ponto.

A minha companheira levantou-se; passava n'este momento pela rua um parvo qualquer: disse-me um rapido adeus, travou do braço do passeante que lhe sorriu amavelmente e foi-se.

Era a «Alegria» a minha boa companheira, a minha antiga camarada.

E eu fiqui-me meditando a pensar mais uma vez que só elles a teem—os idiotas!



MENDO.

«ICI L'ON MANGE»

O centenario da tomada da Bastilha parece que vae ser celebrado pelos republicanos portuguezes com um magnifico appetite.

O—*Ici l'on danse*—dos demolidores modifica-se com o transcorrer de um seculo, e encontra-se substituido pelo—*Ici l'on mange*—actual, bem mais pratico e positivo.

Pois que seja por bem.

Poderão estomagar-se alguns republicanos monarchisantes, obrigados, por decoro partidario, a recolherem as suas prosas democraticas proprias do dia, mas o sr. Moraes Sarmiento de certo não se opporá a que os nossos revolucionarios comam em socego a sua sôpa á Desmoulins.

E aqui para nós, o sacrificio de se banquetear á beira-mar, sob o fresco bafejo das brisas do Tejo, praticando ao mesmo tempo um acto de civismo, está perfeitamente á altura da abnegação do legendario directorio republicano.

É caso para excitar um pouco a inveja chronica de certos democratas, que nós conhecemos por ahi!

Banquete em Pedrouços, de presentes talheres, numero sabiamente fixado de antemão pela previdencia do directorio, que presidirá á festa.



Banquete em Algés, sem numero fixo de convivas, porque é, segundo affirma um jornal, *banquete operario*, isto é, mais modesto, para as bolsas magras.



Como se vê, só se não banqueteará quem não quizer, á *sauze da Bastilha!*

Pôde esta separação em banquete pobre e banquete rico deixar perplexos muitos correligionarios, receiando uns ir assentar-se ao banquete rico por não melindrarem os operarios, receiando outros tomar parte no banquete pobre por não offender os *gras bonnets* da republica.

Mas qualquer inconveniente que d'essas perplexidades resulte, é bem compensada para o partido pelas affirmações que decorrem d'essa prudente separação.

Os directores mostram-se assim homens de governo classificando *son monde*.

E o que vale mais que tudo: o directorio republicano leva assim ao espirito de todos os seus correligionarios a gratissima certeza de que elle—directorio—ainda existe.

Visto que ainda come.

Mas, a proposito: haverá por ahi algum monarchico, disidente ou não, que nos faça a mercê de nos explicar porque razão aquelle notabilissimo factio historico só é celebrado em Portugal pelos republicanos?...

Se houvesse, como lhe seriamos gratos!



GRAÇAS A DEUS!

Fechou-se emfim o parlamento.

A mascarada ruidosa acabou por agora. Depois de tantos e tão grandes trabalhos, essa comedia baixa, cheia de enredos sabidos, de molas gastas, de subtilizas caducas, teve o seu quinto acto, o seu desfecho, o seu epilogo.

Só um povo de espectadores enjoados, indifferentes, ou adormecidos podia supportar, sem uma pateada ruidosa, os ultimos actos d'essa representação enfadonha e immoralissima, que terminou na 4.ª feira ultima.

Não nos compete discutir politicamente as ultimas medidas apresentadas ás camaras, nem fazer propaganda anti-governamental com deducções que houvessem de tirar.

O que temos que accentuar é a impressão de profundo desprezo que invadiu o espirito da maioria dos homens do paiz, perante esse espectáculo d'um comico ultra burlesco, a que o governo tem successivamente arremessado os ultimos restos da respectabilidade parlamentar, instituições e leis.

O que temos que frizar é a decadencia profunda a que o ultimo peribdo legislativo atirou os restos do pudôr politico, nos mais miseraveis expedientes, na indiferença das cobardias supremas, no deslavado das consciencias de lama.



Frizando este relaxamento moral do parlamento, cremos poder afirmar que este tem um paralelo necessario: o rebaixamento moral do paiz inteiro, de que é apenas um corollario forçado.

Tal parlamento, tal paiz. A ultima impressão de patriotismo, morre dentro de nós, envoltos annos a fio no circulo macabro d'esta dança judenga, cheia de egoismos, de miserrias luctas, de rebaixamentos, de vilanias, de crimes.

A confiança na regeneração, ergue-se cheia de luctos e de dôres, e sente se prazer ao pensar nos grandes cataclismos sociais onde as cabeças cahem como fructos sorvados, o vento traz um odôr acre de sangue e para sobre nós uma atmosfera pezada de soluços comprimidos, de lagrimas, de morte.



A barbaridade, o odio, a vingança, levantam então sobre as populações malditas, os signos infames, de exterminio louco; mas o que se não contesta, o que se não pôde negar é que se operou uma grande e fecunda lexivia, cruel é certo, mas sempre proveitosa.

Onde se não pôde viver é nos pantanos, nas aguas estagnadas, mortas, cheias de fermentações deleterias; ou se vive a vida miseravel dos leprosos causando asco, e caminhando para a morte, mais asquerosos cada dia a cada hora.

Fechou-se o parlamento; custa a acreditar, mas fechou. Aquella caixa de Pandora não se abrirá por uns mezes. Será bom; só ao pensal-o, parece que a gente sente mais socegado o espirito, mais viva a paciencia e mais pezada a bolsa. Graças a Deus!



Trindade.—Sóbe hoje á scena pela primeira vez, n'este theatro, a peça phantastica em tres actos e deoito quadros *O Gato Preto*, original de Augusto Garraio. Esta peça está despertando uma grande anciedade publica, pois que se sa be ter a actual sociedade artistico-empresaria envidado todos os seus bons esforços para lhe imprimir o maximo esplendor.

Hontem realisou-se o ensaio geral, para que foi convidada toda a imprensa da capital, amabilidade que pela nossa parte muito agradecemos.



Continua a concorrência a esta casa de espectaculos. Maria Montes é a *great attraction* de todas as noites. Na proxima semana reaparece a sympathica Dorinda Rodrigues, que foi escripturada n'esta companhia.



N'esta administração compram-se todos os exemplares, em bom estado, dos n.º 1 e 2 da Comedia Portuguesa, pelo preço de 200 réis cada um.

Aos nossos assignantes da provincia

Prevenimos estes nossos assignantes de que já estão nas estações do correio das suas localidades, ou das mais proximas, os recibos das suas assignaturas, relativos ao 4.º trimestre ultimo do primeiro anno da Comedia Portuguesa.

Pedimo-lhes portanto o favor da brevidade no respectivo pagamento, não só para a boa regularidade do nosso expediente administrativo, como para que não sofram interrupção na remessa do jornal.





Galante

Os estudantes
Tinham perdido os modos turbulentos,
A irreflexão da idade e do costume;
Envolto em secretos pensamentos,
Ao transparem a porta,
Quedavam-se, de prompto,
A contemplar a morta!

No abandono, vil, da creadagem,
Gelado, como o marmoreo, repousa
Sobre o marmoreo frio, o corpo inerme
D'uma creação loura:
Ninguém a olhar, mesmo de passagem,
Apenas, o sol, pela janella
Ao vê-la, nua, reparára n'ella,
E com um raio quente, carinhoso,
Brando a aquece e doura.

Durante todo o curso
Nunca, no amphitheatro,
Apparecera, em pasto de escarpello,
Uma esculptura, assim, corpo tão bello!

Em frizas de theatros,
Pelos salões e bailes luxuosos
Da velha capital,
Nunca se tinham visto, com certeza,
Peitos eburneos de gentil duqueza,
Ou de fidalga de épica linhagem,
Nas taças dos corpetes
De rendas e setim,
Com tão rara moldagem,
Com a altivez d'aquelles que faziam
Lembrar o branco, o erecto das tendas
E tendas de marfim!

Por entre os bastos, delicados, n.º
Da longa trança
Que desce até as ancas.
Em onda, aos solavancos,
Recretosos espiritam:
Como focinhos esguios
De dois antilopes brancos.

A pequena cabeça onde o cabell.
Circula, emaranhado,
Pende á direita, placida, cahindo,
Como n'um sonho bom e consolado.
D'esses sonhos azues dos vinte annos
Sonhos de virgens com o bem amado,
Que quando a cidade cresce se vão indo!

Tem as pequenas palpebras fechadas,
Fezadas e dormentes.
Os labios entreabertos,
Em delicada tira,
Mostram-lhe os brancos dentes.
De modo que parece
Que dorme, que respira.

Já vistes algum dia, o olhar d'um morto
Fixo, brutal, como que absorto
Olhando-vos sem fim,
Lugubre sentinella?
E' horrivel, sabe, é infernal.
É um olhar que géla!

O olhar d'um vivo,
Retem-se, engasta-o a retina.
Alcança-se-lhe o fim,
A força, a expressão:
O olhar d'um morto, não.
Não se domina!
É como se estivesse
Atravessando o cerebro e a andar
Inalteravel, fito,
Correndo paralelo, em busca do seu foco.
O foco... o infinito!
Isto é o a presistenciã,
A força incorruptivel,
Que deve ter a voz da consciencia
Fallando ao criminoso:
Alheio, erã, teimoso,
Luz que tudo apaga,
Ephinge que tudo valia...
Acreditai-me... géla!

Pois o da morta nada d'isto tinha.
Era azul e tão doce,
Que ao levantar-lhe a palpebra fechada,
Fareceu-me vér surgir a madrugada
Por traz dos louros olios,
Na pureza, rural, immaculada,
Dos antigos idyllios!
Que olhos tão castos tinha esta creança,
meigos, de doçes,
Como um casal de pombos arrulhando,
Ou com dois amantes passeando,
A' margem dos valados!

Na pureza da curva em que entumescce
A onda caprichosa,
Do vento em leve affago,
Ou como a linha curva que produz
Na superficie placida d'um lago
A queda d'uma rosa:
Assim pelo seu corpo,
Do côlo á anca, pelo braço e côxa,
A linha se espreguiça
N'um ondear, tumido, correcto,
Que faz lembrar
Que algum fosse buscar

A' garça o côlo, ao cysne a curva attiva:
Quando se enfeita e brilha
E exultasse em marmoreo rosado,
Um sonho quente, sensual, ousado.
Aquella maravilha!

Que era? Não o sei. Não quiz saber.
De que vale
Saber d'onde provem o viajeto,
Que vem pedir o a brigo derradeiro,
Ao catre do hospital!
Depois se lhe envolvera aquelle corpo
Da minha fantasia, a nuvem cêrula,
A animadora chama...
A miséria ou a lama
Não poderam manchar a limpidez da perola!

Partiu, á noite, envolto no tecido
D'uma serapilheira gordurosa,
Na lugeba carrega de muare, de
De ferrugem e quicos.
Este primor artistico da carne,
Digno de um panteon,
De balsamos egypcios.
A valla abriu-lhe a fauce... ella rolou,
Como calha de monte por algare...

Os vermes tem, ás vezes,
Banquetes singulares!

Eis aqui a razão
Por que, n'aquelle dia, os estudantes
Tinham perdido os modos turbulentos,
A irreflexão da idade e do costume
E cheios de secretos pensamentos,
Ao transparem a porta,
Quedavam-se, de prompto,
A contemplar a morta!

Lisboa, 1888.

MARCELLINO MÉSQUITA

VIAGEM Á EXPOSIÇÃO

(CONTINUAÇÃO)



Nos cafés.—O sr. Simplicio tem passado vida ruidosa em Paris. No Martinho em Lisboa era um homem pacato com um unico vicio — o chá e torradas. No Sylvain é um homem perdido. O seu prato favorito é a cocotte.



Em gabinete reservado.—Ella: — Garçon...
Elle (com os seus botões)—Porque diabo, em Paris, todos os criados de botequins se chamam Garçons?

Ella: — Un perdreau, champagne, mayonnaise sauce picante...

Elle: — (a meia voz ao criado): senhor Garçon, muito picante s'il vous plait... cá por causa d'uma cousa...



Depois da oca.—Emquanto ella fuma a sua cigarette, o sr. Simplicio sente-se um nadinha voluptuoso... un petit peu cousin Basile...

O criado sae...

E nós sahimos tambem.



No Bullier.—As cancanistas em volta do sr. Simplicio dançam o mais vertiginoso can-can, em que elle se decide a comar parte.

CONCLUE NA ULTIMA PAGINA.



precizo tomar o Limoeiro, imaginará acaso que os levará a gratidão a atirar contra as bayonetas das sentinellas, as barrigas acostumadas aos volaux-vents, ás costelletas adubadas com a liberdade, egualdade e fraternidade, em prosa florida?

Oh! jámais! Um esto mago, traidor de mais a mais, não hesitará nunca entre o perigo d'uma es-

pichadella triangular e o risco d'um prato de paio com ervilhas!

Que o partido republicano expulse de si esta macula que lhe perturba as digestões e que continue livremente a mostrar ao paiz de que não ha nada para festejar um grande acontecimento como um gran-

de jantar!



A colonia franceza festejou, em Lisboa, com jantares opiparos o anniversario da tomada da Bastilha. Os republicanos portuguezes sempre promptos a comer, á saude d'uma grande idéa, um bocado de perú assado, regado por uma taça de champagne, uniram-se n'esse grande laço aos irmãos nas idéas e desbancaram-nos.

Os seus banquetes mais numerosos e mais concorridos dos que os dos colonos francezes, levaram ao meu espirito a doce convicção de que se ha gente mais papista do que

o papa, ha algum mais francez do que um francez: é um portuguez na tomada d'um jantar, entre amigos, com programma de brindes e allusões picantes, á sobrezeza.

Mas, é caso espantoso, sempre que uma grande reunião de republicanos se effectua na paz mansa dos actos permittidos e insuspeitos, um lunch, um jantar, uma ceia, tenho notado que entre os brindes calorosos, entre as felicitações e os abraços fraternaes arrancados ao verbo, ha sempre um mal humorado, um scismatico decerto, que vem lançar sobre a toalha, em pleno triturar de maxillas, uma fraze de suspeita, de cautella, de censura!

Como na meza do Christo, a voz de — traidor — são dolorosamente! Aos ouvidos dos generaes presidentes, batem os avisadores alertas de que anda mouro na costa.

— Ha entre nós traidores! ha entre nós vendidos! —

Mas ha tanto tempo, senhores, que o partido conta no seu seio estes Vasconcellos, tão pouco tem crescido, porque ha sempre e invariavelmente as mesmas caras nos banquetes, não era já tempo de os conhecerem e de os relaxar ao braço da expulsão ignominiosa?

Porque anda o partido a alimentar estas viboras no seu peito, com o fricassé dos restaurantes? Quando, ámanhã, fór

Depois os traidores abundam em toda a parte. A' ultima hora descobre-se que foi um portuguez que escreveu o artigo do *Imparcial*. Ora um jornal finissimo, d'estes que tem lume no olho, como se diz vulgarmente, tinha já descoberto que os gabinetes de Londres e de Madrid piscavam os olhos por cima dos Pyrinéus, para nos empolgar. Se não é isto estavam servidos. A invazão e a partilha é coisa mais que certa segundo o; jornal do olho fino e nós muito bem descaçados a fazer a Avenida, a ouvir a *Montes*, a entreter-mo-nos com as peripicias do *Gato preto*! Mas a *Providencia* é grande e o collega veio ler no artigo do *Imparcial*, como em livro aberto.

N'esta conjunctura é preciso cuidar rapidamente do exercito, fazer mobilisações, reformas urgentes, fornecimentos, provisões; vigorisar com mão de mestre a disciplina e a ordem, chamar reservas, cuidar das fronteiras, prevenir ataques, fornecer as linhas, artilhar as fortalezas, e todas essas mil necessidades d'uma guerra emminente, terrivel, que nos ameaça a independencia, que promete dividir-nos em provincias mesquinhas d'orgulhosas potencias, é preciso um nome que vigorise e levante a alma popular, o espirito da patria, que faça de cada homem um soldado, de cada soldado um bravo...

Pois bem, aqui está por que o ex.^o sr. José Luciano de Castro assumiu a pasta da guerra!

A nós, potencias! Quando vos apeterer!

Caro collega: os nossos parabens e a nossa eterna gratidão.





«Está em exposição no estabelecimento de Margotteau, ao Chiado, um quadro aberto em solla, á ponta de canivete, representando *O destino de Bonaparte*, admiravel trabalho do sr. F. A. Salgado.»

Não vimos ainda o quadro, mas não faltaremos a admirar como é que um homem poude abrir, em solla, o destino de Bonaparte! O destino, n'este caso, parece-me significar o fim, porque, a significar os casos futuros da vida do grande homem, não atino como se possa ler a buena-dicha em solla, a um cavalheiro que já lá vai ha mais de meio seculo. Não acreditando, é claro, que o fantasioso artista nos faça vêr Bonaparte, no inferno, no purgatorio, ou no céu, pela difficuldade em que se devia achar ao indagar-lhe a paragem certa. Se é pois o fim de Bonaparte o que o coiro aberto a canivete nos vai revellar, d'antemão sabemos que iremos admirar um quadrilongo tumular, sob um grande chorão, n'um rochedo isolado no mar!

Este foi, que eu saiba, o destino de Napoleão. Nasceu, comeu, bebeu, bateu-se, foi imperador, foi vencido, morreu, sepultou-se e apodreceu!

Tudo isto aberto em solla, a canivete, devem confessar que é bem mais difficil do que cortar um par de sapatos, ou abrir uma ilhoz.

Oh! a arte! onde ella vai anichar-se, a maluca!



Não param porém aqui as revelações artisticas d'esta semana. Não é apenas na loja d'um modesto correiro que esta bella senhora ousou fazer cócegas em bestuntos fantasistas.

Não.

Entrou pela Camara Municipal, sacudiu a caveira dos camaristas encarregados do seu sustento e conservação e perguntou-lhes: — que fazem este anno por mim?

Vai vêr. E começaram a matutar, a pensar a esquadriñar, com o indicador, a revolvêr a venta e acharam.

Encommenda-se um quadro historico de vulto. E vieram os mestres e acharam bom e fizeram o programma.

O quadro será portuguez, no assumpto, e feito por pintor da mesma proveniencia.

O assumpto será: — Martim de Freitas verificando na Cathedral de Toledo o fallecimento de D. Sancho II —.

Achamos magnifico o personagem!

Martim de Freitas, o legendario typo da fidelidade, grande na resistencia como leal na palavra. Esplendido o local. Nunca vi a capella dos reis em Toledo mas deve ser bella, sombria, de elevadas arcarias, esgulas janellas, rendilhados marmores.

Aqui sinto porém uma grande suspeita.

Os pintores concorrentes tem de ir a Toledo e a maior parte não terá, naruralmente, fortuna que lhe permita a viagem, do modo que, ou se excluem muitos que podiam concorrer, ou vamos ter o Martim a verificar o fallecimento de D. Sancho n'uma capella de Alcobaca, ou de invenção particular do artista. Em qualquer dos casos tem graça.

Mas, como ia dizendo, é bello o typo principal do quadro, bello o local; simplesmente achamos disparatada a incumbencia do guerreiro.

Martim de Freitas, o valente governador, não consta que manejasse a seringa d'esses tempos, nem lesse nos astros, nem fosse dado a alchimias e varias sciencias occultas, o que constitua a caracteristica dos medicos coevos.

Como pois se lembra a commissão de o investir de cargos que o bom homem não poderia nunca ter executado?

Assaltar as ameias d'um castello, será o mesmo que assaltar os dominios da morte!



Começa por ser tólo que um sujeito vá verificar o fallecimento d'um rei que está ha mezes dentro d'um caixão de pedra.

Se não estivesse morto quando lá o metteram não havia perigo de se levantar depois do jejum.

Mas o extraordinario é conferir a Martim de Freitas, o encargo que devia pertencer ao judeu-medico, ao astrologo, que devia existir na fortaleza.

O que a commissão queria dizer era:

— Martins de Freitas reconhecendo a identidade do cadaver de D. Sancho II, na cathedral de Toledo—.

Faço estas explicações para socegar o espirito d'alguem concorrente mais meticuloso, que desandasse a pensar o que teria de fazer ao cadaver do rei, a figura do guerreiro, para dar a entender que estava a verificar a morte.

Socegue: nada mais do que olhal-o, ver se é o mesmo, o proprio, ogordo.

E' que a camara municipal ou a commissão relatôra do programma é d'estas corporações que entendem que a palavra foi dada ao homem para encobrir os pensamentos!

Mas não é bonito. Ou bem se fáz um concurso a sério ou não se faz.

E precisava de ser feito em portuguez porque, emfim, pôde ser-se um bello e apreciavel pintor e um detestavel charadista.

Está explicado o paragrapho do concurso. E' pegar nos pinceis.





Portugal. — Eh! eterna bebedora de gin, coiro curtido nos public-houses, vilã heroína da Pall Mall Gazette, não imagines que por me matares a indústria, por me depauperares com os dotes das nossas alianças, por me roubares as colonias, por me insultares de negroiro para encobrir o teu commercio ignobil, por me explorares nas guerras em que me auxilias, por me teres reduzido á pobreza, pretendendo envolver-me o nome continuamente, não imagines que podes impunemente vergastar-me perante o mundo com a brutalidade da força. O braço d'um velho pode bem esbofetear a cara d'uma rameira. E se nos levastes as melhores madeiras das nossas florestas para as tuas esquadras, ainda cá deixaste um junco para te partir uma costella.

— Não me batas, não me batas, é o port-wine! Não te abandono assim, meu velho amante, inda tens algumas libras. — façamos as pazes —



O publico masculino d'esta boa cidade anda sobressaltado, ha dias, com o annuncio agaçante de que em breve, debuta, no theatro da rua dos Condes, uma companhia no genero das *Folies-Bergères*, de Paris.

Esta designação faz prever o desembarque, em Lisboa, de mulheres estrangeiras; e, portanto, conforme é do estylo, os conquistadores cá da terra preparam-se para um assalto em fórma, usando cada um das armas e recursos de que poderá dispôr.

Santos de casa não fazem milagres, é uma pura verdade. Pelos nossos theatros não se vê, em geral, a chusma de admiradores que se encontra em S. Carlos, no Colyseu, quando, emfim, qualquer companhia estrangeira se digna visitar-nos.

Um nome francez, hespanhol, italiano, seja elle d'uma grande cantora ou d'uma simples dançarina, constitue, por si só, um verdadeiro aperitivo.

A's portas dos camarins estacionam grupos, de olhares esgazeados, lambendo os beiços, com tremuras de pernas, lobrigando atravez das gazes, dos *maillots* e dos *decotes*, phantasiando aventuras em bocetas perfumadas, coupés de cortinas corridas, gabinetes reservados de restaurants.

Formam-se *clagues*, formam-se partidos, estabelecem-se intrigas e disputa-se a socco o fructo desejado.

Fazer capitular uma bailarina é uma victoriasinha já digna de registar; fazer capitular uma cantora de grande opera, isso, então, é um titulo de tal ordem que até vale a pena mencionar nos cartões de visita.

Na companhia que vae debutar ha a esperar mulheres francezas, desenvoltas, graciosas, petulantes, de atrevidos decotes, braços despidos, saiotos curtos, meias de seda bem repuxadas, sapatinhos de bordaduras, labios carminados, *mouches* provocadoras, todo o arsenal da *coquetterie* que produz mais effeito do que o prato de *écrivisses* mais cuidadosamente temperado.

Ohé, ohé!... a perna que, entre folhas de rendas, ora, se levanta á altura do nariz do parceiro, ora lhe passa, vertiginosamente, sobre a cabeça, ao som d'uma musica febricitante, nervosa, cheia de *entrain*, que é capaz de fazer saltar na sua cadeira mesmo um paralytico.

Depois a cançoneta *grivoise*, phrases sublinhadas, picantes, que fazem córar a pacata burguezinha, com piscadellas d'olho para a plateia e o seu *piéd-de-nez* á mistura, a cançoneta que é o bocado predilecto de todo o francez, que tem tornado celebres a Tereza, a Bonnaire e tantas outras da Scala, do Eldorado, do Alcazar, d'onde sahíu a propria Judic, por onde encetou carreira a bella Granier.

Mas, francamente, uma companhia no genero das *Folies-Bergères*, em Lisboa, n'esta epoca de calor, a atmosphera pe-

sada, trovoadas imminentes, é o melhor refrigerante que se pode offerecer, a não ser que a empresa, com desejos de contentar conselheiros graves e matronas respeitaveis, nos apresente uma *troupe* para uso de casas particulares, umas *Folies-Bergères* de vestidos compridos e corpetes afogados...

A sala em Paris tem plateia, balcões, camarotes e galerias. Em volta da plateia ha um *promenoir*, onde estão estabelecidos pequenos balcões, com mulheres apparatus servindo bebidas aos gommosos e *cocottes* que andam girando. Ao fundo da sala um outro salão, com pequeninas mesas, para aonde a multidão corre nos intervallos, fornece limonadas, *grénadines*, cervejas e taças de *champagne*...

E as *cocottes maquillés tapageuses*, dão ali o seu *rendez-vous*; encontram-se de todas as nacionalidades, de todas as côres, loiras, ruivas, morenas, pretas... Porque tambem as ha negras como ébano... e tem a sua côrte. Aqui um chi-

nez de rabicho e trajo de mandarim ao lado d'uma heroina conhecida no *American*, ali uma outra seduzindo um *monsieur* qualquer de casaca e gravata preta; esta tomando, sózinha, o seu *bock* enquanto um dos admiradores não lhe offerece uma *flûte* de Cliquot; aquella segredando á *bouquetière* que passa um convite para um tímido ancião que não se atreve a aproximar-se...



E ha ruido, alegria, entusiasmo; applaudem-se os negros excentricos, os equilibristas, os bailados, os cantores, as cantoras; e quando canta o Paulus ou o Bourgés, ou qualquer outro predilecto, o publico da galeria fórma um côro afinadissimo entoando o *refrain* da canção.

Uma cançoneta atravessa todo o Paris, toda a França, quando ella cáe na graça do publico. Ha dois annos era o *En revenant de la revue*, o anno passado era o *Père la victoire*, hoje certamente, nos cafés e nas ruas, ouvir-se-ha uma outra em voga, popularisada pelo assobio do garoto.

E aqui está o que vamos ter, pouco mais ou menos, no theatro da rua dos Condes, a avlliar pelo cartaz.

O genero das *Folies-Bergères* em Lisboa é caso para dizer que a nossa capital caminha em civilisação e em progresso. *Aux Folies-Bergères, messieurs!* Traduzam: A's Foliás bregeiras, meus senhores!...

C. DE MOURA CABRAL.





BIBLIOGRAPHIA

Margarida Relvas. Um delicioso volume, contendo o discurso proferido por Alves Mendes nas exequias de D. Margarida Relvas, a excellente senhora, esposa saudosissima de Carlos Relvas. O volume, magnificamente impresso, é ornado de esplendidas photographias—o retrato da fallecida, o cortejo tenebre, portico e egreja da Gollegã, a corôa que o povo golleganense offertou em signal de dôr á memoria da fidalga senhora cujos dotes do coração lhe tinham cercado a individualidade d'uma atmosphera de carinho e de amor geral.

Commovedôra a offerta, cheia d'essa vaga poesia das saudades intimas, protesto duradouro contra a brutal facultade do tempo que tudo esquece, que tudo apaga. Nada mais intimamente consolador como exemplo do que a homenagem deposta gentilissimamente sobre o tumulo onde repousam os restos d'uma santa companhia. Evolve-se da homenagem o quer que seja de profundamente educativo, de exemplar, que levanta do abatimento moral d'hoje em dia, a virtude domestica, a santidade do lar perenne de venturas placidas.

E' um preito em que ha alguma coisa de sagrado como na oração!

O cuidado do livro revella a sinceridade da dôr, o interesse da população condigna d'uma virtude que ensina, d'uma saudade que não morre.

E' o pensamento d'um artista. Ninguem como elles tem a facultade de exprimir simples e grandiosamente as dôres, por essa sublime e miseravel lei—de que ninguem como ella se teem a facultade de as sentir.

Carlos Relvas encontrou no seu coração de gentleman, que o torna sinceramente estimado entre os vivos, a maneira rara, fidalga de alcançar crédores, entre os mortos.

Agradecemos penhorados a valiosa e significativa offerta.



Revista de Portugal.—O primeiro volume d'essa publicação, ha tanto esperada, acaba de sahir a publico. De longo espaço precisaria a critica dos diversos artigos que a compõem.

Não podendo hoje demorar-nos n'essa apreciação, reserv-a-hemos para mais tarde, limitando-nos a encarecer o valor da obra, á frente da qual está Eça de Queiroz, cujo nome bastará para garantia do alto merito da *Revista*.

O numero primeiro traz um artigo sobre litteratura contemporanea de Moniz Barreto, um artigo historico de Oliveira Martins, um conto de Fialho d'Almeida, um artigo sobre touradas do conde de Sabugosa, etc.

O secretario da redacção é o nosso bom amigo e distincto collega o sr. Silva Gaio, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia.

Agradecemos a offerta.



O sr. Eduardo Costa teve a amabilidade de nos brindar com umas caixas de biscoitos, marca nova: *Torre Eiffel*.

Ficam portanto prevenidos os que não poderem ir a Paris ver o authentic:—tem a consolação nos biscoitos *Torre Eiffel* da fabrica de Eduardo Costa, á Pampulha.

E accresce que ficaria dispensados do pensamentosinho no registro do *Figaro*.



Aos nossos assignantes da provincia

Prevenimos estes nossos assignantes de que já estão nas estações do correlo das suas localidades, ou das mais proximas, os recibos das suas assignaturas, relativos ao 4.º trimestre ultimo do primeiro anno da *Comedia Portugueza*.

Pedimo-lhes portanto o favor da brevidade no respectivo pagamento, não só para a boa regularidade do nosso expediente administrativo, como para que não soffram interrupção na remessa do jornal.

VIAGEM Á EXPOSIÇÃO

5



O seu cartão.—Simplicio Bandeira entrega ás suas apaixonadas o cartão de visita que mandou fazer em Paris:

*Simplice Drapeau
domestique de votre excellence
à Lisbonne*

Muito attencioso!...

(CONCLUSÃO) 6



A sua última aventura.—Perfeitamente *blasé* de loiras e morenas, cae aos pés d'uma horisontal de Zanzibar.

E exclama, com musica do *tim tim*:

Ahi, Simplicio, quá, quá, quá...

7



Arruinado.—Aquelle vida de prazer tem-lhe dado cabo do abdomen e da algebeira.

8



Volta para Lisboa.—... triste, emmagrecido, sem vintem, detestando o estafermo da sr.ª D. Dorothea sua esposa, da menina Aurora sua filha e da rabugenta sua sogra...

9



Uma só alegria lhe resta.—Ensinar o can-can a toda a familia.

M. C.

JULIÃO MACIÃO



Detesto o verão, sobretudo em Lisboa.

Não se imagina nada mais triste, mais desolador, mais suggestivo do suicídio, quando mais não seja dentro d'um sorvete colossal de morango, ou n'uma banheira raza de carapinhada! Um suicídio gelado, um suicídio polar, um suicídio conservador, um suicídio excêntrico!

Ruas cheias de sol, de poeira, de typos aborrecidos, com uma indolencia a saltar-lhe nos gestos, na cara, no andar, a pedir um copo d'agua fresca, um rio corrente com estrepito

e um salgueiro copado, em cuja sombra se obra n'uma de-hiscencia artistica uma melancia sanguinea.

Os theatros fecharam e os salões, foi-se a alegria communicativa dos cafés, onde o ar aquecido acaricia o corpo esfriado pelas ventanias do inverno, e onde o fumo que se evola das chavenas do café ameiga o olfacto e irrita, em desejos, o paladar guloso.

Os dias teem um tamanho monstruoso; o sol uma força calorifera, que nos derreia ate á molleza inerte e caracteristica d'uma gallinha cosida. Os homens que ficam teem a nostalgia dos arvoredos, das aguas murmuradas, dos lagos mansos e sombrios. A mulher, a tristeza dos desprotegidos, tristeza que devem ter as andorinhas que ficam doentes nos ninhos quando as companheiras partem em busca das primaveras.

Teem o andar molle, as caras luzidas, cheias d'olheiras, penteiam-se mal, e conversam, mansamente, como cançadas, n'uma somnolencia lamentavel de ideias, sem graça, sem risos. Vê-se que as domina uma saudade, uma pena, o queur que seja de vago como um d. sejo impossivel, ou como uma recordação de passados bens que não voltam.

Os homens graves do paiz, os legisladores, os politicos, fozam-se por essas praias e thermas a desopilar os figados e a

expulsar rheumatismos teimosos, gottas reveladoras d'uma actividade vital, frenética, cadaverica.

Um aborrecimento geral invade-nos o corpo e a alma n'este banho quente de ar, misturado de semsaboria que parece inquinara a atmosfera da cidade de companhia com os aromas dos canos.

A leitura torna-se impossivel; a graça foi tambem

a ares, a banhos, e anda a esta hora toda presumida a derreter-se pelos casinos, pelos clubs, por defronte das barracas das praias á hora do mergulho refrescador.

Calcúlo.

Assim como a graça, a poesia, a musica debandaram tambem. Chegam-nos aos

olhos as noticias dos bandos que sacodem as lyras por esse mundo fóra e das canoras senhoras que gorgem de companhia com os pianos, por essas terras felizes das provincias, a envergonhar os rouxinoes e augmentar as dispepsias dos ouvintes pelas noites mal dormidas.



E' então que por graça de Deus, nos surgem da provincia uns chronistas da vida galante, modestos, encobrido-se na capa á hespanhola d'uns pseudonymos patuscos a rivalisar com a proza reinadia, d'uma originalidade de caixeiro alfacinha endomingado, dando-se ares de lord em arraial saloio.

O que elles vêem, o que elles ouvem o que elles pensam, mas o que é mais, o que elles teem o atrevimento de dizer.

Debaixo do disfarce modesto ostentam capacidades de Sarcey, vistas de lynce á Taine, ironias de Heine!

São o diacho, os taes plumitivos modestos, com os seus ares de quem escreve por desfastio, sobre o joelho, muito naturalmente, assim á Julio Machado.

Mas encantam afinal, pela ingenuidade de quadrumano calloso, pelo ar de superioridade que se arrogam, n'um pedantismo mal disfarçado, merecedor do correctivo variante entre a palmatoadada, as orelhas, de burro, de papellão e o puchão d'orelhas.

Temos por exemplo, na frente uma epistola descriptiva d'um sarau Caldense. Assigna-a um ermitão. Este vem de habito, capuz e chapeu concheado. Não nos admira: é para dar razão ao outro elle que assigna — Ninguem — phrase com que oromeiro de Garrett fecha o 2.º acto do Fr. Luiz de Sousa,romeiro que vem de habito, capuz e chapeu concheado.

E' muito engenhoso o disfarce.

Ora este chôcho rival de Cicero, começa por ouvir recitar tão bem como Coquelin, a um monologuista portuguez!

A França fica sabendo que o homem que ella ainda não encontrou para collocar ao lado de Coquelin, está nas Caldas da Rainha e foi descoberto por um ermitão. E de mais um monologuista! que raio de homem!

Mais a baixo falla d'um poeta modesto que recitou versós e tem estas palavras de castigo a propósito dos immodestos : — n'estes tempos nos quees qualquer sujudor de papel se julga um Camões, assim que lhe perfazem a mania de o lettraredondizarem, e mais ao que elle gafafunhosamente azneja por essa publicidade além ! : — Heim ? que tal o Ermitão !

Ficamos sabendo que se lettraredondiza — isto é um arrôto de dispeptico — um homem ! Deve ser isso ; mas ha de permittir-me o chamar-lhe tolo, quando se tem a immodestia offensiva de dar sentenças de modestia n'uma torrente caudal de disparates !

Faz suores tanto pedantismo.

E *gatafunha* ajeitando para deante o bruto do ermo, louvando os versos : — e muito á portugueza repassados de cordealidades grandiosas, consoante o que deve ser o sentimento evolucionador do coração d'um rapaz —

O sentimento evolucionador do coração d'um rapaz ! Mas que cabeça d'homem !

Este diabo estudou philosophia com o Cunha Seixas e Zoologia com o Figueiredo que Deus haja.

E', como este ultimo dizia dos papagaios, animal que solta palavras, a maior parte das vezes sem consciencia. — Dá-nos esta idéa : escorrem lhe da mioleira, cahem-lhe, na pena, fazem echo, são boas.

E' sem sentir.

E refila : — Este (o poeta) tambem ainda é dos poucos que não tem vergonha de mostrar em publico, que possuem n'esta altura a leitora confessa que teve receio de lér o resto (as grandes aspirações, inherentes geralmente a todos os noveis luctadores do bem) . . .

Vá lá que não se sahiu mal.

Luctadores do bem ? sim senhor ; não conhecemos, mas devem haver. Já os houve da Gallia, de Sparta, que admira que os haja do Bem ? Ora essa.

E termina, ainda filado ao poeta : — «Este é dos poucos que ainda se não prezem de exhibições de egoismos positivos, e de scepticismos pedantes, expectadores em versos de legoa e meia, nos martellamentos empiricos d'uma travalheira internal . . . a fim de mostrarem uns Hugos . . . de barro das Caldas.

Este não arreata a récua dos *blasées* . . . em maus versos. (E queiram perdoar o franciú — *blasées*. E' preciso falar-lhes o calão da d'elles, aliás) . . .

O leitor está em dizer que o homem é tolo sem mixtura, pela sem cerimonia com que *ajeja* pelo campo da tolice, como burro solto em combro relvoso ?

Ponham-lhe lá peias.

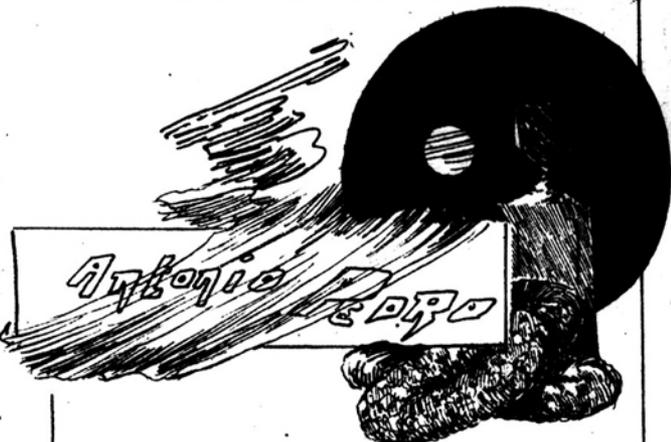
A' ultima hora o fazedôr de imbecilidades palavrossas dá-se ares de purista arrengando dos estrangeirismos, a que chama calão, lá d'elles.

D'elie não, o lindo. Mas diz depois fallando dos senhoras que cantaram : — O que tenho eu com serem as outras duas *mignones* e graciosas . . . que vá ajudar á missa que é melhor.

Isto porque diz respeito á descripção da parte litteraria do saráu.

A parte musical não é peor ; mas alonguei-me de mais e o leitor começa a achar cêra de mais para tão ruim defuncto. Mas, emfim, sempre a gente riu um pouco e se não riu distrahiu-se um tanto, que era o essencial, n'estes dias eternos de aborrecimento e de somno.

Com que então, seu Ermitão, adeusinho e appareça homem. Olhe que dizia um collega seu, n'um celebre poema, que os homens não se immortalizam só pelos monumentos levantados ás sciencias ou ás Artes ; vocé vai no caminho, e tem disposição, não esfrie e reze por nós.



A população de Lisboa e sobretudo aquella grande parte que ainda hoje procura no theatro a impressão forte, que aperta o coração: o grito da agonia que faz passar pelo cerebro um relampago de deslumbramento, de syncope: a symptomalogia crúa das ultimas horas, os prodromos da morte, como os rapidos impulsos da colera, do odio, do amor, e ainda a encarnação do ridiculo phisico e moral, que affasta as maxillas na contracção forçada dos musculos do riso e se impõe como uma caricatura animada, hilariante ao cumulo, supremamente comica; a maior parte de Lisboa, emfim, sentiu hontem um profundo abalo intimo, ao ouvir dizer — morreu Antonio Pedro ! — como se diz sentira a côrte de França ao ouvir a celebre phrase de Bousset — *Madame est morte!* —

É que a paixão humana, no que tem de mais verdadeiro e vulgar e simples e por isso superior, nunca encontrou maior interprete entre nós, ao menos dos que eu tenho conhecido, do que em Antonio Pedro.

Irregular, descuidado, falto de regras; grande, sublime, genial como nenhum outro. Em scena lembrava o mineiro que vai nas minas de carvão, de habito e facho, rojando-se pelo solo das galerias, curvando-se aqui, levantando-se acolá, rastejando de novo, a incendiar pequenas camadas de gaz, até provocar a grande explosão terrivel.

Emquanto representava havia aqui e acolá pequenas explosões de talento, de subito a faísca perpassava no cerebro e nós viamos erguer-se como nma evocação medieval, d'uma envergadura tragica, o vulto espantoso de *Dé-Profundis* !

A alma do povo d'onde elle sahira sentia-se dominada perante a exhibição brusca, inesperada, inexplicavel por elle proprio, mas real, genuinamente real, profundamente verdadeira a tocar o horrivel, a dar o tremôr, o frio da espinha, o deslumbramento da vista.

O typo de miseravel ninguem como elle o evocou. A natureza subsidiaria-o com um corpo esgalgado, anguloso, cheio de deslocações, de gestos estranhos.

E era assim que a figura que podia apparentar a estravagancia comica d'uma caricatura burlesca, por essa passagem insensivel do sublime ao ridiculo, arrancava á teratologia da miseria as creações tragicas, que se somem nos hospitaes, e que dão na rampa á impressão profunda do dó, do espanto, da afflicção cariciativa, que se traduz explosindo em lagrimas e bravos !

Nem escola, nem leitura, nem mestres, teve o grande actor. Ou era vulgar ou deslumbrava. Aquelle — saber dizer e fazer — que vem da escola, do estudo, da reflexão, não o tinha, não o poderia ter nunca, por organisação, por temperamento, por habito. Não era um consciencioso actor, nem um applicado, nem um artificioso. Era uma organisação especial, unica, com a facultade de crear, de adivinhar, condão dos genios e exclusivo condão.

Era grande sem o saber, e esta ignorancia quando se reconhece n'um grande artista é uma grande prova de sua superioridade. E' banal para elle o que a outrem constituirá arrojada empreza, cheia de trabalhos e de sacrificios. A — obra prima — é em regra um desfastio simples ou uma tentativa sem pretensões.

Hoje não; mas as obras-primas d'hoje hão-de ser consideradas, não muito avante, como simples obras-tias.

Ha nada mais simples, mais vulgar do que o papel de coiveiro do Hamlet? Coquelim confessou que nunca o vira fazer assim!

O genio tem o condão de tornar sublimes as simples vulgaridades.

A incarnação da personagem fazia-se n'elle inconscientemente, na noite da recita, á maneira que as scenas se succediam. Uma hora antes o seu espirito se quizesse reconstruir n'uma intima synthese o typo que elle havia de exhibir na scena, encontraria uns elementos dispersos e vagos, sem relação intima, sem logica real.

Entrava em scena; n'aquelle meio proprio para emocionar o seu cerebro, a revelação chegava e dos dados dispersos, das notas confusas, dos traços imperfeitos, erguia-se a criação genial, tal qual como sob os dedos, d'um grande artista, voam evocados pela impressão do momento, as arias os nocturnos, as cavatinas arrancadas á inercia d'um teclado banal, n'um crescendo de facilidade sobrenatural a que os antigos chamavam propriamente — a inspiração!

Hoje ri-se toda a gente da palavra e todavia que nome se pode dar á força que concedia ao cerebro d'este homem ignorante, a faculdade de crear tão sublimemente?

Restaria saber se Antonio Pedro, educado, conduzido pela logica, pela phisiologia, pelo estudo da vida humana, em todas as suas manifestações, teria sido tão grande actor. Eu digo que não.

Ha espiritos que não supportam regras.

E' preciso ter ouvido conversar um doido e admirar a clareza, a verdade, a finura de raciocinios de que elle é capaz, n'esse estado, tendo o conhecimento do individuo anterior á doença, para nos lembrar a incapacidade, em são, de uma tal faculdade.

Explica-se que o espirito liberto das peias dos nossos racionais convencionalismos, em liberdade quasi absoluta, trabalhe mais á vontade, menos coacto, e tenha portanto alcanças que lhe prohibiam as peias que a loucura quebrou.

Mas que relação ha entre um louco e um homem de genio? Por mim, levar-me-hia longe uma affirmativa qualquer; mestres ha porem que confundem os accessos de genio e os da loucura.

E' sabido que Edgard Pöe o grande contista americana, o sublime pintor do terror, um alcoolico, um doido, escrevia os seus contos debaixo do dominio d'uma loucura incontestada. E todavia os horrores do inferno do Dante, são meros recrios comparados com as torturas dos heroes de Pöe.

Quem me define claramente o que seja a razão?

A' hora em que escrevo as notas desalinhasadas sobre o grande morto, ao sabor da minha imaginação, uma multidão enorme enche as ruas onde prepassa lentamente o prestito funebre do grande artista. Como se um alto vulto, d'esses que ô acaso, ou o valor, ou a sorte, ou a vilania atrai aos altos logares da republica, fizesse a sua ultima viagem, em busca do tumulo, a multidão pressurosa accumula-se nas praças e nas ruas.

Não mentirei se disser que o burborinho alegre, o murmurar da onda popular que se escuta n'um dia de procissão festiva, não se ouvia. Era silenciosa a expectativa geral. Havia na multidão, via-se claramente, uma impressão dolorosa, que não arrancava as lagrimas, mas que impedia o riso. Um perl. o sincero, espontaneo, verdadeiro, como só podem tel-o e ô tem no mundo os grandes corações bondosos e os grandes artistas. Preto anonymo da multidão áquelles que sabem gravar-se-lhe no coração pela superioridade na virtude ou no talento. Exclusivamente.

Ao ver as ruas coalhadas de gente, as janellas apinhadas de cabeças curiosas, o prestito de milhares de pessoas seguindo um caixão, ladeado de mulheres em lucto, lacrimosas, um estrangeiro poderia perguntar: — é então o cadaver d'um principe, do filho d'um rei, o que ali vae?

Não, amigo, é apenas o do filho d'um penteeiro!

Como esta resposta consola a alma.

E' banal repetir agora que a arte dramatica soffreu um grande golpe.

O lugar do grande actor difficilmente será preenchido na scena portugueza, onde poucos restam na bancada dos antigos e é diminuto o numero dos modernos que possam honbrear com os cahidos em suas famas e memorias.

O theatro portuguez ante mostra-se em breves tempos airavessando uma crise terrivel de falta de actores. Os governos, como sempre, em coisas de arte e de instrução são de uma sollicitude de cafes.

Como provas de sentimento innumeradas corôas foram offerecidas por particulares, o Colyseu offereceu duas, D. Maria II uma, a Rua dos Condes outra, artistas de todos os theatros acompanharam o cadaver e a Trindade abriu as suas portas para *O Gato Preto!*

E' repugnante pensar n'uma falta de cordealidade de tal ordem. As necessidades monetarias dos artistas d'este theatro não justificavam de modo nenhum esta medida, a não ser que se fundassem no argumento — de que era preciso distrahir a população entristecida pela morte do collega!

Se um publico indignado tivesse recebido a companhia, ao começar o spectaculo, com assobios, talvez achassem cruel.

Não aconteceu assim. Os espectadores de quar a feira não se melindraram com a ideia de que áquella hora, ao levantar o panno de bocca da Trindade, cahia sobre o cadaver de Antonio Pedro, o mais glorioso membro d'aquella familia de actores, o abandono, o frio tumular, e que aquellos homens tinham obrigação pela honrada camaradagem do morto, em quanto vivo, pelo decôro da classe, de respeitar pelo menos por vinte e quatro horas o ultimo somno do irmão, de cuja gloria elles partilhavam!

Mas tiveram uma enchente. . . estão ricos os pelintras.

E' preciso dizer que foi posta á votação a medida de se fechar o theatro e que votaram a favor os cinco mais distinctos artistas da companhia. Os doze restantes regeitaram. Em querendo ver o vião, diz o dictado, mette-lhe a vara na mão.

A censura era no entanto indispensavel, por justa.

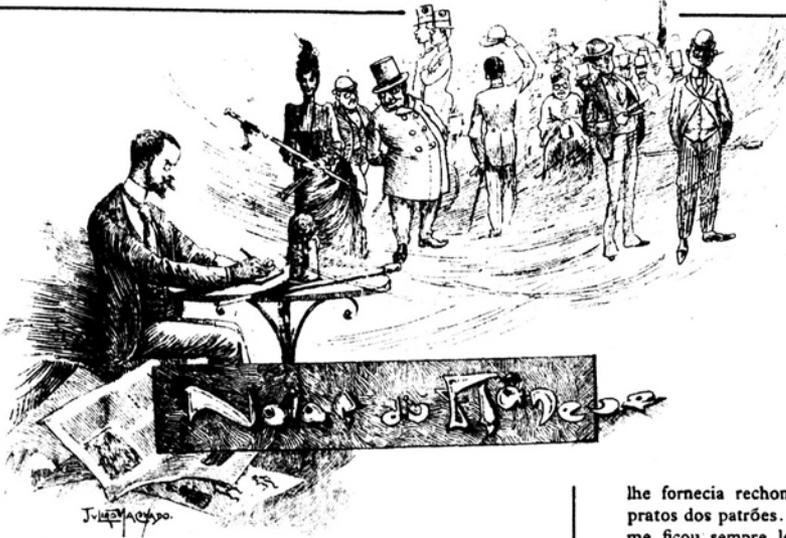




ANTONIO DE ABRU



J. MACHADO.



Morreu Antonio Pedro. As chronicas teem-lhe prestado a devida homenagem, a que o nosso jornal hoje se associa. Porque todos temos d'elle saudade, tão sympathico elle era para todo o publico, sem ares fidalgos de grande artista, sem poses de enfatuado, sem fazer gala dos seus triumphos, modesto e simples, como muitas vezes não são aquelles que não teem valor.

Quantas gargalhadas elle arrancou a todos aquelles labios que, em volta do seu caixão, contrahiam uma expressão de dôr!

Foi no *Alto Vareta!* que, pela primeira vez, o vi; recruta, garoto, que vinha saltando de contente pela conquista de uma sopeira, que

lhe fornecia rechonchudas pernas de gallinha roubadas aos pratos dos patrões... Foi uma noite de delirio para mim, que me ficou sempre lembrada; porque nunca se nos apaga da memoria os momentos de alegria que experimentamos quando somos novos.

Depois do *Alto Vareta*, quantos typos, que enorme galeria a sua, do mais profundamente grotesco ao mais profundamente dramatico, do *Conductor d'omnibus* ao *Saltimbanco*, do *Bebé* ao *Paralytico*, dos *Solteiros* ao *Sargento Mór de Villar*, uma variedade prodigiosa, a que o seu grande talento dava uma originalidade extraordinaria.

E a ultima das suas notaveis creações foi o coveiro do *Hamlet*...

Triste ironia do acaso...

O seu enterro provocou uma alta manifestação de sympathia e de saudade. Pobre, modestissimo, sem pergaminhos de nascimento, conseguira, entretanto, um nome pelo seu talento e pelo seu trabalho. Nem só os ricos triumpham. Valha-nos isso.



A companhia no genero das *Folies Bregères* debutou... mas, a respeito de mulheres, foi um desapontamento... Um horrorsinho... Porque na verdade, cada um pôde ser feio, pode ser desengraçado, mas o que não pode é abusar d'essas qualidades que Deus lhes deu.

Houve barulho, troca, gargalhada e a cousa explica-se. Ader uma pessoa duas semanas, agaçado, á espera, á espera, hoje, amanhã, não debutar, ainda não, mais uma transferencia; e uma pessoa a cofiar o bigode, a estudar o verbo *aimer* aa perfeição, a calcular com os sens botões umas orgiasitas, uma variante no *menu* a que está hábitlado, e quando o sr. regente toma; enfim; a batuta, a orchestra executa os primeiros compassos, o panno *póbe*... a apparecer-lhe umas aves muito estapafurdias a cantarem umas cançonetas que pareciam tristes traducções do *Noivado do Sepulchro*, é d'uma alminha ficar arrelhiada...

O acontecimento da semana foi a morte de Antonio Pedro. O *Alto Vareta!* desapareceu das fileiras...

Porque, d'esta vez, a noticia que, tantas vezes, correrá, pondo em sobresalto amigos e admiradores, era, infelizmente certa; Antonio Pedro partia para essa longa viagem, sobre a qual ainda ninguem pôde escrever as suas notas e impressões.

Antes assim. Se algum d'esses viajantes podésse atirar ahi para o mercado, umas paginas verdadeiras sobre o que se passa alem da fronteira da Morte, quantas desillusões e quantos desenganos derrubariam estes castelinhos que cada um, na hora do perigo, forma a seu bello prazer sobre esse paiz desconhecido...

Assim vamos phantasiando mil e uma coisas; julgam uns que ha um ceu que não é tão monotono como outros pensam, com largas alamedas de rosas e estradas de pedrarias, lampadas de estrellas que illuminam muito mais do que a luz electrica da Avenida; que, ás noites, os escolhidos reúnem-se em alegres *soirées*, entoando córos muito mais afinados dos que os de S. Carlos, dançando *cotillons* muito mais bem organisados que todos esses que por ahi fazem estafar o Macario, *menus* muito mais apetitosos que os do Ferrari ou do Baltresqui, ambrosias finissimas bebidas por lindas taças de ouro cinzeladas; que se tivermos um attestadosinho de bom comportamento moral e civil, S. Pedro, quando vier chinellando expreitar-nos ao ferrolho, hade fazer-nos uma recepção muito catita, e, finalmente, que todos aquelles que muito batalharam na vida hão de muito gosar pelo muito que soffreram.

Ao mesmo tempo aquelles que levam grande bagagem de peccados, vão pensando que o imperio de Satanaz não é tão feio como o pintam; ao contrario será, deveras divertido, *cocottes* e *cancans*, casa, cama e meza, roupa lavada e engomada... e muita gente conhecida. Batotas de luxo requintado, que muitos preferem ao jogo dos arquinhos, o unico admittido na mansão celeste; mulheres esplendidas, semi-núas, por causa do calor, e *sabbats* vertiginosos muito mais animados do que todas as mazurkas puladas e não puladas.

E hade ser uma alegria enorme quando o alabardeiro que está ás portas do inferno, todo elle vestido de vermelho e alamares de ouro engrinaldando-lhe a casaca, se perfilar, magestoso e solemne, annunciando o nome d'uma pessoa conhecida, que lhes leve noticias da familia, dos amigos, se o sr. José Luciano ainda está no ministerio e se a Montes agrada muito no *Plato del dia*.

Mas... Deixemo-nos de divagações.

O publico pediu á empresa que as estampilhas com meio tostão e as devolvesse á ditosa patria que taes filhos teve.

E venham outras... ou não venham nenhuma se não tem melhores.



No Colyseu uma nova *tuna* tambem appareceu ao nosso publico que, apesar do seu anti iberismo, se manifesta sempre entusiastico por tudo que vem da nação visinha.

Isto mesmo já obrigou um escriptor conhecido, que nota a alegria com que os portuguezes acolhiam as sereias do Manzanares, os matadores de touros e os cantadores de *peteneras*, a exclaimar:

— Oh, menino, decididamente as nossas avós tiveram enxerto hespanhol...

E assim parece... Porque a Hespanha é a fornecedora mais completa do publico lisboeta...

D'esta vez forneceu-nos uma *tuna*. Philosophos de rabeca, mathematicos de flautim, theologos de ocarina; a mocidade esperançosa da Hespanha *se meneando* ao som da castanhola e da pandeireta...

E diga se que o successo da noite foi alcançado pelos tocadores de pandeireta, principalmente por um d'elles, um senhor alto, barbado, futuro advogado ou medico, futuro grande de Hespanha, quem sabe, que dançava e tocava a pandeireta com as mais extravagantes e as mais desinvoltas cabriolas... grave e sério, ao mesmo tempo, como um conselheiro d'estado...

Uma ovação enorme. Muitos, porém, prefeririam a Montes n'esse trabalhinho...

Sempre seria um bocadinho mais voluptuoso, sem desafar nos conselheiros de estado...

C. de Moura Cabral.



Tendo-se esgotado os n.º 1 e 2 da Comedia Portugueza e não podendo nós, portanto, satisfazer as innumeradas requisições que nos tem dirigido não só os novos assignantes d'este semanario, cuja animadora affluencia nos tem penhorado em extremo, mas tambem muitos dos nossos antigos assignantes, que não colleccionaram aquelles numeros, resolvemos mandar fazer uma segunda edição, com a qual nos achamos presentemente habilitados a attender todas as reclamações.



Todos os senhores assignantes a quem falte algum numero da colleção, e o queiram aldançar, farão as suas requisições o mais breve possivel, porque aproximando-se o fim do nosso primeiro anno, que termina em setembro proximo, todos os exemplares de sobra serão encadernados com as novas capas, constituindo assim colleções completas, tornando-se por isso, mais tarde, impossivel satisfazer a qualquer requisição de numeros em separado.

A seu tempo annunciaremos a existencia de capas especiaes para encadernamento do primeiro volume da Comedia Portugueza, bem como as respectivas condições para os senhores assignantes e para os colleccionadores avulsos.

O REDACTOR-GERENTE
Silva Lisboa



Antonio Pedro

(NOTAS)



O CARRO DAS COROAS



CASA ONDE FALLEceu o GRANDE ACTOR.



REUNIAO DO TERCEIRO ESCOLA TRAVESSA DAS SAISAFIRAS



A ULTIMA CHARACTERISACAO



JVAO